

CRESCIMENTO DAS FAVELAS NA ZONA SUL CARIOCA AO LONGO DO SEU PROCESSO DE ORDENAMENTO TERRITORIAL

Aluno: Vinícius Silva de Moraes*

Orientadora: Regina Mattos

Introdução

Não são só casas, prédios, condomínios de pessoas de classe média, são favelas, verdadeiras periferias que se consolidaram por meio do desenvolvimento do capitalismo e suas contradições, onde se propiciaram espaços para o estabelecimento do que a mídia chamou de “poder paralelo”. Assim percebe-se a zona sul do Rio de Janeiro como uma mistura de construções que explicita diferentes formas de ocupação territorial no recorte.

Denominação muito contraditória, uma vez que sugere o narcotráfico como uma questão econômica, uma questão política e social paralela (ou seja, à parte, sem pontos em comum que se cruzem) ao poder do Estado. O perigo consiste no fato de que a política social encontrada no dito poder paralelo é semelhante às políticas (assistencialistas) impostas pelo Estado, pois por mais que os traficantes “empregados” no crime organizado se mostrem aparentemente excluídos do sistema, esses se encontram justamente inseridos, de forma precária, através do circuito inferior da economia que Santos [1] e Souza [2] trabalharam, além do fato de determinados pontos desse poder que foge do controle do Estado serem atrelados a setores institucionalizados por esse.

Esse poder, que prefiro no presente trabalho não chamar de paralelo, não só nas comunidades da zona sul carioca, mas também em todo o estado fluminense, é materializado através do incontável número de armas, pela violência (maior ou menor, variando de local para local), pelo incrível número de capital que circula e por uma outra série de vertentes que aos poucos vão sendo apresentadas no presente trabalho. Ele pode até parecer paralelo quando observamos que sua consolidação não faz parte da legalidade, ou seja, da ordem estabelecida politicamente e economicamente pelo Estado capitalista brasileiro.

Objetivo

O que se pretende ao longo do presente texto é fazer um esboço histórico-geográfico das favelas (de um modo geral) na zona sul da cidade do Rio de Janeiro procurando entendê-las como um dos tipos de tecidos urbanos existentes e que foram consolidadas com o desenvolvimento desigual do capitalismo na malha urbana.

Para isso as favelas devem ser analisadas, primeiro, como espaços que se formaram e se difundiram juntamente com o desenvolvimento (ordenamento espacial) da zona sul carioca. Segundo, que elas representam um tipo de ocupação (ilegal) e que pode ser situada geograficamente dentro desse recorte espacial: a maioria das encostas de morros que espremem seus bairros contra o mar. Em terceiro lugar as favelas devem ser entendidas com um tipo de tecido urbano que evidencia a habitação preferencial de uma classe social (baixa) onde as condições materiais de infra-estrutura são precárias, devido o caráter de autoconstrução e as possibilidades de ascensão são raras.

* Aluno graduando na PUC-Rio no departamento de Geografia e Meio Ambiente e bolsista do grupo PET-Geografia.

Por último as favelas devem ser pensadas quanto sua importância histórica no processo de espraiamento urbano, uma vez que muitas delas foram frentes desse processo ou acompanharam a fragmentação sócio-espacial, incorporando mais espaços ao urbano.

Metodologia

Primeiramente, para o entendimento do que buscamos trabalhar, busca-se um embasamento bibliográfico, fazendo uma historiografia do foi produzido academicamente sobre as origens e os processos que propiciaram o surgimento das favelas no cenário carioca. Quais eram seus principais problemas, como era o imaginário público trabalhado pela mídia e pelos governos e outras questões mais.

Em seguida buscar compreender como se da a produção do espaço urbano nesse recorte para então poder trabalhar a fundo em questões relacionadas a favelização e consolidação do narcotráfico nessas verdadeiras periferias em espaços valorizados.

Dentro do recorte proposto percebemos que a maiorias das favelas se tornaram nítidos territórios de gangues e bandos (ou se preferirem facções), que foram consolidados aos poucos em bairros de elite, o que difere das relações existentes nas favelas em bairros pobres, uma vez que na zona sul carioca a interação entre o “morro” e o “asfalto” é bem mais acentuada e íntima (pela proximidade). Essa intimidade se deu pelo tempo, pois muitos tipos de ocupações (como exemplo os serviços domésticos, de porteiros, da construção civil e outros serviços que não requer qualificação) foram, historicamente, preenchidos por moradores de favelas próximas.

Conclusões

Enfim podemos caracterizar o tráfico de droga a varejo, não só dentro desse recorte (apesar de haver suas particularidades), como uma empresa e que não se encontra paralela a rede formal de mercado de trabalho.

Um primeiro viés que aqui será explorado que fundamenta o argumento de que o narcotráfico, em diferentes escalas do Rio de Janeiro, sobretudo na zona sul, atua como uma empresa (no sentido da sua reprodução social e na sua relação com o espaço urbano), reforçando assim também o argumento de que o trafico de drogas não representa um poder paralelo, como é muito chamado pela mídia, é o fato de que diferentemente dos anos “românticos”, no dias atuais, muitos traficantes mantêm uma clara relação de “empregado” (claro que sem os vínculos formais conhecidos por nós), pois nesse meio em rede, uma boa parte dos traficantes “trabalham” em comunidades que não são necessariamente a sua (no sentido de identificação e vínculo com o lugar), com a qual ele cria vínculos sociais desde pequeno.

Referências

- 1 - SANTOS, Milton. **O espaço dividido**, 2a ed, Edusp, São Paulo, 2004.
- 2 - SOUZA, Marcelo Lopes. **O Narcotráfico no Rio de Janeiro, sua territorialidade e a dialética entre “ordem” e “desordem”**, Cadernos de Geociências, IBGE, Rio de Janeiro, 1995.